

CONSTRUIR, NAVEGAR, (RE)USAR O DOURO DA ANTIGUIDADE

COORD.
LINO TAVARES DIAS
PEDRO ALARCÃO

Título: ***Construir, Navegar, (Re)Usar o Douro da Antiguidade***

Coordenação: Lino Tavares Dias, Pedro Alarcão

Design gráfico: Helena Lobo | www.hldesign.pt

Fotografia da capa: *Leito do rio Douro entre Porto Manso (Baião) e Porto Antigo (Cinfães)*.

Fotografia de A. Loureiro Tavares, Agosto 1960.

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

ISBN: 978-989-8351-95-1

Depósito Legal: 450319/18

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8351-95-1/cons>

Porto, dezembro de 2018

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | www.sersilito.pt

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

INTRODUÇÃO

LINO TAVARES DIAS

Em maio de 1999 reunimos em Portugal, em Tongobriga, um conjunto de investigadores franceses, espanhóis e portugueses, com o intuito de refletirmos sobre a emergência e desenvolvimento das cidades romanas no norte da Península Ibérica. Procuramos, então, analisar, em conjunto, perspectivas que a investigação arqueológica tinha proporcionado sobre a ocupação do território do Noroeste peninsular pelos romanos no espaço da sub-meseta norte e, especificamente, na bacia do rio Douro.

Juntamos nessa mesa-redonda investigadores de várias universidades e instituições, tais como José António Abásolo Alvarez e Armando Coelho Ferreira da Silva na abordagem ao território aquando da chegada dos romanos e Manuela Martins, Lino Tavares Dias, Paulo Amaral, Ricardo Teixeira, António Colmenero, Cármen Ochoa, Santiago Carretero Vaquero, Romero Carnicero, Eusébio Gutiérrez Dohijo, Francisco Rodríguez Morales, Carmén Garcia Merino e Maité Miro i Alaix para apresentarem os casos das urbes de *Bracara Augusta*, *Tongobriga*, *Aquae Flaviae*, *Lucus Augusti*, *Gijón*, *Petavonium*, *Tiermes*, *Uxama Argaela* e *Tarraco*.

A abordagem a *Numância*, embora programada, não foi possível por falecimento de José Luís Argente Oliver, arqueólogo que tinha trabalhado durante décadas sobre aquele sítio. A coordenação global dos debates foi dinamizada por Jorge de Alarcão e Patrick Le Roux.

Os resultados dessas reflexões foram publicados, ainda em 1999, em atas, sob o título *Emergência e Desenvolvimento das Cidades romanas no Norte da Península*

Ibérica. Desde então despertou-se o desejo de incrementar novos debates, o que veio a ocorrer em março de 2007, em Zamora.

Se em 1999 refletimos sobre a emergência das cidades, no encontro do primeiro trimestre de 2007 começamos a perspetivar a bacia do Douro como um «espaço paisagem» que o homem foi marcando, evidenciado pela construção com as suas artes de viver e estratégias de uso. Nos debates programados para 2007 preocupamo-nos não só com a edificação de cidades no século I e II depois de Cristo mas, também, com os momentos posteriores, até à atualidade, constituindo na contemporaneidade a «paisagem cultural» cuja gestão compete às entidades públicas de Portugal e de Castela e Leão.

O desafio a que nos propúnhamos responder era suportado em três momentos cronológicos, vulgarmente denominados por «épocas»: a romana; a medieval e a contemporânea desde o final do século XX.

A perspetiva de transversalidade cronológica desafiava a que todos os intervenientes aprendessem com todos, por mais díspares que parecessem as épocas de interesse individual. Todos procurávamos conhecer melhor as «novidades científicas» para apreendermos melhor a longa construção do território.

Entretanto, a publicação e reconhecimento da Convenção Europeia da Paisagem, veio ajudar a alicerçar alguns conceitos que estavam em discussão e a «paisagem construída ao longo dos séculos» foi formalmente assumida como «fruto do casamento do trabalho do homem e da natureza».

Assim, o «património construído pelo homem» é hoje estudado porque torna-se «evidente aos nossos sentidos», vulgarmente denominado «arquitetónico» ou, então, porque «é tornado evidente» por metodologia arqueológica, vulgarmente denominado «arqueológico». O trabalho complementar entre arqueólogos e arquitetos passou a ser articulado, por vezes indissociável, em importantes sítios arqueológicos patrimoniais, os quais foram, por vezes, assumidos como símbolos nacionais durante o século XX.

E foi todo este património identificado no espaço geomorfológico da bacia hidrográfica do Douro que analisamos, reunindo arqueólogos, historiadores, geógrafos, arquitetos, gestores de território e todas as outras distintas especialidades preocupadas em perceber a construção milenar deste território.

Como objetivos gerais, entendidos como preocupações para quem tem responsabilidades de investigação e de gestão, procuramos compreender as marcas que o homem deixou nos lugares em que esteve e reconhecer as influências dessas marcas na história e na conformação do homem ao longo dos séculos, especialmente desde Estrabão até à atualidade.

Para aprofundar esta especificidade reunimos em Zamora, em março de 2007, os investigadores Alfredo Jimeno Martínez, Angel Morillo Cerdán, Armando Coelho Ferreira da Silva, António Lima, Carmén Garcia Merino, Francês Tusset Bertrán, José Javier Fernández Moreno, Lino Tavares Dias, Miguel Angel de la Iglesia Santa-

maria, Milagros Burón Alvarez, Miguel Rodrigues, Paulo Amaral, Ricardo Teixeira e Victoria Romero Carnicero.

Pela primeira vez em conjunto, começou a perspetivar-se a possibilidade de ter existido na época romana uma estratégia política e económica para toda a região do norte da Meseta, fortemente marcada pelo rio Douro e pela sua bacia hidrográfica. A discussão cresceu com o reconhecimento de um documento da autoria do Imperador Augusto, datado de 15 a. C., em que trespassava a hipótese política de poder existir uma *provincia transduriana*, que assumia o rio Douro como espinha dorsal.

Neste planeamento estratégico e político, o poder económico e administrativo romano procuraria integrar as zonas mais periféricas, e morfologicamente montanhosas, com muitos solos agrestes e pouco propícios ao cultivo intensivo que a economia dos romanos valorizava.

Os resultados das reuniões científicas foram reunidos em publicação sob o título *Património cultural y território en el Valle del Duero*, editado em 2010 pelo Ministério da Cultura português e pela Junta de Castilla y León.

Entretanto, a investigação e as intervenções foram decorrendo a diferentes níveis, agregando investigadores, arqueólogos e arquitetos, que continuaram, ao longo de anos, a trabalhar sobre aqueles sítios patrimoniais. Gradualmente integraram-se jovens investigadores que perspetivaram novas problemáticas e que enriquecem os debates.

A intervenção no território da bacia do Douro também tem sido enriquecida pela crescente aposta na valorização do Património, quer pela assunção política quer pelo reconhecimento social.

Era, por isso, muito oportuno, analisar a situação do conhecimento em 2017.

O CITCEM, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, quis fazê-lo, contando com a colaboração do CEAU, Centro de Investigação da Faculdade de Arquitetura, do Instituto Superior Politécnico de Gaya, da Direção Regional do Norte do Ministério da Cultura, da Câmara Municipal de Gaia e da Dirección General de Patrimonio de la Junta de Castilla y León.

Assim, com o título *Construir, Navegar, (Re)Usar o Douro da Antiguidade*, realizou-se, de 26 a 30 de outubro de 2017, um Encontro que reuniu arqueólogos, arquitetos e investigadores que têm trabalhado ao longo das últimas décadas sobre as cidades romanas da bacia do rio Douro, escavando-as e valorizando-as, mas, também, perspetivando o ordenamento político e económico do território do norte da meseta em que se integravam.

Procurou-se que fossem evidenciadas algumas sínteses do conhecimento mas, também, reflexões sobre projetos previstos para intervenções noutros sítios, em especial para Roma.

Na primeira parte integraram-se contributos de reflexão sobre enquadramentos e problemáticas gerais:

Luigi Franciosini – *Riconessioni Topografiche nell'Area Archeologica Centrale di Roma*;

Armando Coelho F. Silva – *A ocupação e organização do território aquando da chegada dos romanos*;

Rui Morais – *Douro, um rio aquém da memória*;

António Silva – *Cale Callaecorum locus? Lugares e povos pré-romanos do Baixo Douro à luz da história e da arqueologia*.

Na segunda parte foram apresentados resultados de investigações e projetos específicos sobre cidades romanas:

Alfredo Jimeno Martínez – *Numancia: Nueva Interpretación estratigráfica*;

Manuela Martins – *O urbanismo de Bracara Augusta: modelo e especificidades no contexto do NO peninsular*;

Cesáreo Pérez González; Pablo Arribas Lobo – *Arqueología y desarrollo urbano en tres núcleos indígena-romanos de la cuenca del Duero: Cauca –Segovia –Tiermes*;

Francesc Tuset Bertran – *Clunia: una nueva historia de la ciudad a la luz de las recientes investigaciones*;

Lino Augusto Tavares Dias – *Ano Zero, ano 100, no territorium de Tongobriga*;

Miguel Ángel de la Iglesia Santamaría – *Comprender la ciudad a través de la arquitectura: Clunia y Tiermes*;

Jorge Ribeiro – *A monumentalização do espaço urbano de Bracara Augusta. Aproximação à economia da construção*;

Sérgio Carneiro – *Técnicas construtivas nas Termas Mediciniais Romanas de Chaves*;

Pedro Alarcão – *Interpretar, Conservar, Valorizar a Ruína. Reflexões em contexto académico*.

Na terceira parte procurou-se fazer a abordagem ao mundo rural na bacia do Douro, perante os resultados de investigações recentes.

Pedro Pereira – *O mundo rural romano no Vale do Douro*;

Margarita Sánchez Simón – *Las villas romanas en Castilla y León: protección, investigación y puesta en valor*.

As sessões do ENCONTRO realizaram-se na Casa Allen, no Porto, no Convento *Corpus Christi*, em Gaia, e no Yacimiento Arqueológico de Tiermes.

Os resultados das reflexões e debates apresentados no Encontro, em outubro de 2017, foram reunidos neste livro.

Para a sua concretização devemos palavras de reconhecimento às coordenadoras do CITCEM, Professoras Cristina Cunha e Amélia Polónia, ao coordenador do CEAU, Professor Rui Póvoas, a Marlene Cruz e a Vasco Sistelo, bolseiros no CITCEM que garantiram criteriosa ajuda, quer no secretariado do Encontro quer nesta publicação.